

BREVES PALAVRAS DE ABERTURA...

Apesar da violência natural e humana e das grande perturbações que preenchem este final do século XX d.C, as “coisas” clássicas parecem prosseguir, e bem, o seu percurso no nosso país. Novas revistas, novos cursos de Licenciatura e de Mestrado, profusão de Congressos e Colóquios nacionais e internacionais, sobrevivência dos antigos cursos e das velhas revistas (algumas remodeladas) – mesmo que, como no caso da *Classica*, tenham sido obrigadas a quebrar a periodicidade da sua edição –, inúmeras publicações, defesa de muitas dissertações de Doutoramento e de Mestrado, reconhecimento internacional... Tudo parece indiciar um clima de abundância e de fortalecimento.

É evidente que as referências feitas são consequência directa do trabalho de alguns que, principalmente no meio universitário, se agitam e persistem em pugnar na defesa de uma cultura fundamentadora em que acreditam e que consideram indispensável. De facto, e olhando com realismo o outro lado do panorama nacional, o Grego está moribundo, confinando-se o seu ensino a algumas – muito poucas – Escolas Secundárias e Universidades. Quanto ao Latim – mal-amado por muitos, principalmente pelos detentores de um saber tão moderno e tão especializado que confina com o *limes* de uma ignorância cabotina –, assistimos à diminuição crescente do número de alunos inscritos no Ensino Secundário e à fragilização da sua docência no Ensino Superior.

O Grego e o Latim – termos genéricos que englobam as línguas mas também as respectivas culturas – são, talvez, desnecessários neste nosso tempo. Já falámos disso e os novos dados apenas acentuam os anteriormente adquiridos. Não deixa, contudo, de ser cada vez mais evidente o vazio cultural que é criado com o abandono do cultivo das *litterae humaniores*. Não deixa de ser curioso verificar como a “sociedade global” é cada vez menos culta e, em consequência, menos criativa e qualitativamente menos produtiva.

A fundamentação cultural é uma mais-valia em qualquer época; ignorá-lo é um risco demasiado grande e de consequências negativas irrecuperáveis. Compreender o mundo moderno é, necessariamente, conhecer e integrar o passado, os actos e os artefactos tradicionais.

Repare-se no modo confrangedor como a língua portuguesa é tratada pela incompetência dos utentes responsáveis, consequência da ignorância das línguas e valores clássicos. Uma experiência comprova-o: a televisão, fenómeno de comunicação e divulgação de massas não recente, adquiriu, em Portugal, uma dimensão maior. A concorrência entre os vários canais para a conquista de audiências e o aparecimento da televisão por cabo assumem-se como cúmplices no crime cultural. Pseudo-tradutores – maioritariamente habilitados com diplomas do ensino superior – enchem as legendas de dislates, disparates e outras barbaridades, fruto do desconhecimento das línguas originais e da incompetência em Português. E, principalmente, de uma imensa fragilidade cultural, que não permite sequer que tomem consciência das asneiras que escrevem.

O diagnóstico da situação está feito há muito; mas piorou. A situação é hoje mais grave porque as reformas programáticas em todos os graus de ensino pretendem ignorar a Cultura Clássica, desprezando o ensino das línguas e desconhecendo o da cultura. Em nome de *curricula* actualizados, impedem-se ao alunos de se matricularem em Grego; em defesa de uma pedagogia *de ponta*, suprime-se o Latim. É a geração *McDonald's* da cultura: os carnívoros que nunca comeram um bom bife, acham que o mundo da carne se extingue no *cheeseburger*...por vezes feito com minhocas.

A situação é hoje mais grave também porque é defendida em nome de um *política* oficial *de ensino* e de perspectivas, comerciais, de afirmação do ensino superior. Há Universidades que pugnam pela supressão do Latim porque...se calhar, são muito novas, demasiado novas para saberem o que é o verdadeiro sentido do saber universitário (ou foram afectadas pela proximidade da praia...); o Ensino Superior Politécnico – embora copie os modelos curriculares humanísticos das Universidades –, não tem lugar para a Cultura Clássica por ser poli-técnico...Quanto aos Ensinos Básico e Secundário, continuam, embora o neguem, em fase experimental de definição e procura, definitivamente afastados dos valores fundamentais e dos saberes essenciais, embalados na descoberta da mais recente novidade importada, por vezes velha de séculos. As excepções confirmam a tendência generalizada.

Não somos, de modo algum, contra a inovação, a invenção, a definição de novos quadros epistemológicos ou a introdução de materiais diferentes, actuais e práticas. Somos, também, a favor do não aniquilamento daquilo que

é culturalmente formador e indispensável para todos, seja qual for o grau de especialização tecnológica. Defendemos, mais, que as duas perspectivas são conciliáveis e, mesmo, compatíveis. Não é novidade, não é original. A *Classica* procura ser, há mais de vinte anos, uma forma de confirmação.

O balanço pessimista dos Estudos Clássicos não é apenas nacional. De facto, um pouco por todo o lado, assistimos, de forma mais ou menos acentuada, ao enfraquecimento do interesse pelas “coisas clássicas”. Os modernos planos curriculares não têm espaço para o Grego nem para o Latim, o homem moderno deixou de estar disponível para as coisas profundas, o stress do quotidiano e o exaspero acelerado da vida moderna impedem a abertura de espaços de fruição e enriquecimento culturais. Mas surgem, também, indícios de sinal contrário.

A problemática da actualidade do Latim volta a ser equacionada em livro acabado de publicar – *Le Latin ou l'Empire d'un signe. XVI^e-XX^e siècle* de Françoise Waquet (Paris, Albin Michel, 1999) –, actualizando de forma pertinente o discurso acerca do seu interesse. O competente dicionário de Gaffiot conheceu uma reedição em 1999. No seu número 235 (Setembro de 1999), a revista *L'Histoire* dedica a Tribuna da última página (grande destaque) a um artigo de Bernard Sergent com o sugestivo título “Sauvons le Grec”. O Presidente da Sociedade Francesa de Mitologia, depois de analisar o lugar do Grego no sistema escolar francês e de realçar a sua importância para a língua e para as ciências, aponta duas medidas de solução para ultrapassar esta fase crítica, uma delas “progressista”: “... visto que os cursos ditos “europeus” se multiplicam em França [e em Portugal, diríamos], é necessário impor o Grego como matéria obrigatória. Pela simples razão de que a cultura grega é a única que foi comum à Europa Ocidental e à Europa Oriental.” O Grego é, em suma, a herança cultural que partilhamos com toda a Europa.

Fica, é claro, uma última pergunta: terão os classicistas alguma culpa na concretização do estado negativo? Os classicistas, creio que não; grande parte das pessoas que andam pelas clássicas, sim. A prova positiva está nos exemplos com que iniciámos estas breves palavras de abertura; a negativa, cada um terá a sua...

Victor Jabouille